



A COLONIZAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DO FILME AVATAR

*Nathália Santos de Castro*¹

Universidade Estadual de Goiás

Pires do Rio, Goiás, Brasil

nathyscastro@hotmail.com

*Marilena Julimar Fernandes*²

Universidade Estadual de Goiás

Pires do Rio, Goiás, Brasil

julimarfer@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer um paralelo dos confrontos ocorridos contra os nativos por busca de metais preciosos, entre a colonização brasileira e o filme Avatar. O filme dirigido por James Cameron no ano de 2009, de certa forma, demonstra o que aconteceu com o Brasil por volta de 1530. Pessoas do exército vão para o planeta Pandora, onde vivem os Na'Vis, em busca de um metal valioso. Os cientistas criaram corpos semelhantes ao dos nativos que eram comandados pela mente, possibilitando o exército, a conhecer bem o planeta e a floresta, localizando o metal, debaixo das árvores sagradas para os Na'Vis. Houve um estranhamento cultural, no qual as pessoas não conhecem o modo de vida dos nativos e vice versa. Os portugueses também estranharam os indígenas que aqui viviam, pois eles tinham outra crença, um modo de vida diferente. Por não entenderem os costumes e a cultura dos nativos, eles foram desrespeitados, seu lar e as árvores sagradas destruídas, e os portugueses acabaram dizimando tribos indígenas inteiras, não respeitando eles também. Houve uma imposição sobre os Na'Vis e os indígenas, que devido a um modo de vida mais rústico, possuindo arco e flecha, não podiam combater a ataques de armas de fogo a altura. Há ainda uma diferença a ser discutida entre o filme e a colonização. Os Na'Vis puderam dar um retorno maior aos ataques, pois possuíam animais voadores que os entendiam e atendiam seus comandos, e os animais terrestres que eram mais fortes que os humanos.

¹ Graduanda - UEG/Pires do Rio – Go Brasil

² Orientadora: Doutora - UEG/Pires do Rio – Go Brasil

Na colonização não tivemos essa ajuda, e os índios foram reprimidos tendo que atender às ordens dos portugueses e obrigados a se adequarem a uma nova cultura, seguindo uma só religião. E assim, teremos uma nova visão do acontecimento na colonização, os conflitos ocorridos, e a busca incessante por riquezas.

Palavras-Chave: Colonização, Avatar, Representação, Conflitos.

Neste capítulo serão discutidos aspectos relevantes da colonização do Brasil e sua representação a partir das imagens do filme Avatar. Inicia-se fazendo uma breve narrativa do filme, pois se considera importante conhecer a história retratada no filme para melhor compreensão dos objetivos do trabalho. Ressalta-se, no filme, quais são seus objetivos, quem são seus personagens e em que parte da História estes se encaixam. Sendo assim no próximo item faremos uma sinopse do filme, trazendo o que acontece nele e como pode ser feita a representação da colonização do Brasil.

Em seguida, será feita uma discussão sobre a representação da colonização por meio do filme de ficção, relacionando e comparando tanto a história quanto os personagens do filme e da colonização, sendo dessa forma, possível estabelecer uma relação dos mesmos.

O Filme

O filme Avatar impressiona por suas imagens fantásticas e permite o contato ilusório e espetacular com outro planeta por meio da imaginação. Foi dirigido por James Cameron no ano de 2009, caracterizado como filme de ficção, investiu nas mais avançadas tecnologias digitais, o que trouxe, de acordo com Ivana Bentes (2010) um retorno gratificante ao cineasta, pois Avatar conquistou o mundo e foi recordista em bilheterias, segundo a autora o filme encena um choque de culturas e suas consequências acerca desse embate.

O planeta Pandora, local em que se passa a história, já era habitado pelos Na'vis quando o filme inicia. Os humanos vão até ele com o intuito de explorar o território, estão lá os militares e os cientistas, os primeiros com a missão de explorar o minério procurado, e o segundo com a missão de se aproximarem dos primitivos que

habitam o planeta, para tentarem uma exploração pacífica. Esses nativos são os Na'Vis, humanoides de pele azulada, membros longos, com aproximadamente 3 metros de altura, cauda, cabelos longos com uma crina na ponta para conectarem com outros seres do planeta. É neste planeta que ocorre uma busca incessante, para extrair um minério de grande valor financeiro, o chamado *Unobtanium*.

Pandora possui incríveis belezas naturais, e tem seus habitantes vivendo em harmonia com seu *habitat*. Essa relação dos Na'Vis com o território dificultará o trabalho dos cientistas, que é tirá-los do local para que o minério seja explorado. Porém os Na'Vis considera suas terras sagradas, e no mesmo local em que o minério se encontra está a morada de sua deusa *Eywa*.

Era impossível a sobrevivência dos humanos neste planeta, só respiravam com o auxílio de máscaras. Isso gerou a necessidade da criação de corpos idênticos aos dos Na'Vis pelos cientistas. A criação desses avatares idênticos aos Na'Vis era controlada pela mente humana, quem cedesse o material genético se tornaria um controlador de Avatar, se conectando com eles através de seu sistema nervoso. Esse investimento foi de alto custo. Sobre o corpo de avatar Bentes (2010) diz:

Corpo-sintético que ao se desconectar (sic) de seu piloto não tem “alma”, para de pensar, é apenas um corpo funcional. Ao longo da narrativa, em situações dramáticas os corpos-sintéticos, os *Avatares*, são desconectados de seus pilotos, caindo abruptamente em um estado inaniado, numa mudança perturbadora de estatuto (vivo/morto; acordado/dormindo; consciente/inconsciente). (p. 103).

O “herói” do filme é Jake Sully, um marine³paraplégico, que sonhava um dia fazer uma cirurgia caríssima para andar novamente. Jake entra para o grupo dos cientistas, por ser compatível geneticamente com seu irmão gêmeo Tom. Diferente de Jake, que escolheu ser militar, Tom era cientista e estava ligado ao programa dos avatares no planeta Pandora, porém foi morto em um assalto na terra. Para que não perdesse o alto investimento feito em seu Avatar, Jake é convidado a assumir o seu lugar.

O humano controlava o Avatar pela mente dentro de cápsulas, esse controle ocorre de longa distância entre o humano e o avatar. Eles deveriam estar ligados, faziam

³ Pessoa integrante do corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos.

treinamentos, e Jake só pôde assumir o lugar de seu irmão por ser compatível o código genético, como diz Felinto (2010):

No caso do filme, o *Avatar* é um corpo real – ainda que alienígena –, mas desprovido de consciência (ou espírito). É necessário que o operador e seu *Avatar* tenham uma conexão genética, de modo que seus sistemas nervosos possam ser sintonizados. Jake pode estabelecer um “link” com seu *Avatar*, dado que possui o mesmo genoma de seu irmão gêmeo, para quem o corpo artificial havia sido originalmente criado. Com esse novo corpo, naturalmente, ele é capaz de “transcender” suas limitações físicas (como a paralisia), mas também ascender a uma condição espiritual superior, em sintonia com Eywa, divindade que representa, em última instância, o ecossistema de Pandora. (p. 31).

De início Jake não é bem recebido pela chefe do programa *Avatar*, a Dra. Grace Augustine. Ela diz que precisa de um pesquisador, um cientista e que Jake era apenas um militar, ela temia que ele utilizasse armas de fogo contra os Na’Vis, temia que Jake atrapalhasse todo o trabalho já feito pelo grupo. Em um dos diálogos do filme entre Grace e o empresário da *Resources Development Administration* (RDA), Parker Selfridge, nota-se a “decepção” e resistência da cientista em aceitar Jake, porém Parker diz que um fuzileiro dá para ela usar e a lembra que o objetivo é ganhar a confiança dos nativos para a exploração do *Unobtanium*, que vale 20 milhões de dólares o quilo. Era lembrada ainda que deveria retirar os nativos do local, pois, em todo o subsolo do planeta era onde estava o minério, principalmente abaixo da Grande Árvore que servia de habitação para os nativos. Sobre o significado de RDA Bentes (2010) relata:

A base de operações e colonização dos humanos em Pandora (RDA – ResourcesDevelopment Administration Extra-Solar Colony 01), a colônia humana de *Avatarnos* é apresentada sob o signo da militarização, da disciplina e o medo. Quando os novos soldados desembarcam em Hell’s Gate (como RDA é chamada, somos jogados dentro de um filme de guerra. (p. 63).

Jake conhece também o chefe da segurança em Pandora, que era um homem de aparência forte, que visava apenas poder e hierarquia e possuía maldade e frieza em seu interior, tinha como lema destruir, assimilar e conquistar, não demonstrando afeto algum aos nativos. Esse chefe faz uma proposta a Jake de se infiltrar no mundo dos

Na'Vis e trabalhar como um espião, descobrindo suas fraquezas para caso não cooperassem, seriam destruídos, em troca Jake ganharia a cirurgia que o faria andar novamente. Jake aceita entra no grupo de cientistas e vai por meio de seu avatar cumprir sua missão. No início pensava apenas em recuperar seus movimentos, pois estava cansado de ser chamado de incapaz. De acordo com Felinto (2010), o personagem tinha apenas um interesse: “A princípio pouco interessado em qualquer outra coisa que a possibilidade de andar novamente, Jake vai sendo seduzido pela beleza de Pandora e pela cultura dos Na'Vis”. (p. 17).

Em sua primeira conexão, embora não tenha treinado, Jake tem bom controle do avatar, estava encantado com sua nova identidade, seu novo corpo e fascinado em poder movimentar suas pernas, aproveita para se levantar, correr, sentir a terra em seus pés, em ser livre. Se vê capaz novamente, de andar, de mover-se sem a ajuda alheia, sente o ar em seu corpo, encontra-se no ápice de seu ego.

Após o primeiro contato com seu avatar, Jake parte para sua primeira exploração juntamente com a equipe científica. Ele está armado e encantado com o local, todos pedem que ele tenha calma. Se depara com animais ameaçadores, prepara-se para atacar e defender-se, tenta se comportar com naturalidade, mais não tem noção do perigo que corre. Então foge dos animais e acaba se perdendo dos demais integrantes do grupo.

Com uma tocha de fogo, Jake tenta se defender dos animais que o cercam, já é noite e ele continua sozinho. Começa a matar os animais para não morrer, nesse momento está sendo observado por uma mulher Na'Vi que se chama *Neytiri* – filha do Chefe do Clã e da Xamã e sacerdotisa, que interpreta as vontades de *Eywa*. Ao aproximar ela vê um sinal para ao matá-lo e o defende. O sinal que *Neytiri* vê são as sementes da Árvore Sagrada das Almas que assentam sobre o corpo de Jake e o rodeiam. Jake faz perguntas a ela, sobre o motivo de o ter salvo, *Neytiri* responde que ele possui um coração forte, não tem medo, se comporta como criança, mais foi o escolhido para uma missão libertadoras.

Neytiri leva Jake até seu povo e conta o que houve. Inicia-se um ritual para reconhecimento, a xamã pergunta qual seu nome e a que veio, depois prova de seu sangue e afirma: “Eu Vejo Você”. O que chamou a atenção ao povo Na'Vi é que Jake é guerreiro, desejando o conhecer. Teria que primeiramente ser nomeado, ter um rosto, uma identidade. Para isso, *Neytiri* é encarregada de proteger e ensinar a Jake a ser um

deles e conhecer os seus costumes. A partir de então dá início às provas para preparação do herói.

Eles tinham uma crença em uma divindade espiritual, a *Eywa*, que estava presente em toda parte do planeta. Ela é a Grande Mãe, o que dá força aos Na'Vis para viverem, o que coloca ordem entre a sociedade. Esse povo vive de forma harmônica entre eles e também com a natureza, estão diretamente ligados a ela, através da crina do cabelo, eles se conectam a *Árvore*, aos animais, estabelecendo fortes e fiéis vínculos. Tem *Eywa* como a alma do mundo.

Jake recebe de *Neytiri* um intenso treinamento, aprendendo a se movimentar pela floresta, andar pelas árvores, conhece bem o território que está habitando. E nessa dupla identidade, ao estar no corpo humano, ele se torna um traidor e dá informações aos militares, passando as coordenadas de como é o território interno. No corpo de Avatar, Jake está cada vez mais forte e se adaptando mais a cultura dos nativos, aprende a fazer a conexão com os animais terrestres, a caçar, a atirar com flechas, enfim, vai se transformando em um deles. Bentes (2010) diz sobre o processo de aprendizagem:

Em *Avatar*, Jake Sully tem que “reprogramar” sua mente para aprender a usar seu novo corpo, num processo acelerado de aprendizado em que a guerreira Na'vi e a cientista Grace funcionam como “mestras” ou “tutoriais” para sua integração mais rápida na cultura e cosmologia Na'vi. Tecnologia, afeto, pedagogia fazem parte desse processo de aprendizado. (p. 103).

Outra etapa do treinamento de Jake é a de distinção entre caçador e guerreiro, na qual ele tem que subir uma montanha que está no ar para chegar até o ninho dos chamados *Ikran*, animal selvagem e voador. Jake tem que escolher com o coração e também ser escolhido por um deles, para se ter o vínculo e voarem juntos. Num primeiro momento o animal que escolher Jake tenta matá-lo, ele então deve fazer a conexão através da crina do cabelo e controlá-lo pela mente. Esse animal escolhido será dele, somente ele poderá montá-lo e comandá-lo, serão fiéis um ao outro. Sobre o ritual de encontro entre o Avatar e o *Ikran*, Bentes (2010) diz:

Toda a sequência do ritual de iniciação dos jovens Na'vi que se tornarão guerreiros, depois de escolherem, dominarem e “comunicarem-se” com um Banshee/Ikran. Criaturas de uma beleza alucinatória, como tatuagens de

dragões alados, que ganhassem tridimensionalidade com a computação gráfica e o 3D. com padrões e cores decalcados, inspirados na exuberância visual de pássaros tropicais e nas asas alaranjadas e listradas das borboletas-monarcas que habitam as Américas. [...] o ritual é muito mais um ato de sedução selvagem, a “dupla captura” do que de um adestramento. Para ser escolhido pelo seu “pássaro” ele primeiro precisa querer te matar! A criação de um vínculo não tem nada de “natural”, trata-se de um ritual, de uma corte perigosa, uma cultura, onde a atração pode resultar num bom ou num mal encontro, na morte do cavaleiro/guerreiro ou passagem para sua enésima potência. (p. 87).

Com esse treinamento, Jake foi se apaixonando pela nova vida, admirando os Na’Vis, gostando de sua cultura, e essa aproximação com os nativos, fez com que Grace confiasse nele, os aproximando e tornando-os amigos. Ele já nem sabia em que vida estava, fica confuso por se aproximar dos nativos e gostar de viver com eles. Nesse momento de confusão de identidades, ele se encontra com o chefe da segurança que diz ter feito um ótimo trabalho e que já poderia ter suas pernas novamente. Jake pede que esperem mais um pouco, pois seu treinamento já está chegando ao fim, ele acreditava que se tornasse um deles seria mais fácil conseguir a negociação para a saída do povo da Grande Árvore.

Ao voltar para o corpo do avatar, Jake é preparado para um ritual de confirmação, nascendo pela segunda vez, ou seja, será para fazer valer o seu lugar entre os nativos para sempre, Jake agora seria um deles, já estava completamente preparado. A relação entre Jake e Neytiri foi além de ensino e aprendizagem, a partir do contato e de estarem tanto tempo juntos a amizade foi se transformando em amor, ou na língua deles “em encontro de duas almas”. Jake agora teria mais uma razão para querer ser um deles, o desejo de casar-se com *Neytiri*, tinha amor por ela e pelo povo Na’Vi.

Sem que esperassem, as máquinas chegam para destruir o lar dos nativos, a Árvore das Vozes. Os militares eram chamados de “Povo do Céu” pelos nativos. Jake confessa aos nativos que já sabia da invasão, que no início ele era um informante mais que depois tudo mudou. O povo Na’Vi juntamente com *Neytiri* não perdoa Jake e o aprisiona ao lado da Dra Grace Augustine. Os militares derrubam a Grande Árvore, os nativos fogem desesperados, muitos morrem, inclusive o Rei, pai de *Neytiri*, que passa o Arco do poder a ela. A Xamã liberta Jake e implora por ajuda, dizendo que se for mesmo um deles, que os salvem. Pouco depois de serem libertos, quando ainda estavam fugindo das galhas que caíam da Árvore, tiveram seus avatares desligados pelo chefe da segurança e como humanos são aprisionados. Os nativos tentam se refugiarem na

Árvore das Almas. Acerca dos maquinários utilizado para destruir o território dos Na'Vis, Bentes (2010) relata:

Todo esse maquinário de guerra serve para a “defesa do patrimônio da RDA” em Pandora, mas que culmina com sua utilização na guerra total ao povo Na’Vi e à destruição de parte do seu meio ambiente e cultura, para expulsá-los das terras a serem exploradas para a obtenção de minério. (p. 102).

Os amigos de Jake e Grace os ajudam a fugirem, e carregam o laboratório de conexão com um helicóptero, na fuga, a Dra Grace é baleada e gravemente ferida. Jake está arrependido de ter traído os nativos, e pensa em uma forma de os fazerem acreditar em seu arrependimento. Diz ser uma reconstrução interna, não adiantaria apenas diálogo, deveria mostrar ação. Havia em Pandora um grande pássaro que era considerado indomável, ele não era escolhido e nem escolhia ninguém. Poucas pessoas havia o controlado. Jake arriscando sua vida decidi fazer a ligação com o Grande *Leonopteryx* que é aceita. Ao montar e controlar o animal, Jake se torna o *TorukMakto*, que deve ser respeitados por todos, se tornou o maior dentro da população nativa. Ao retornar a Árvore das Almas, é recebido por todos, inclusive por *Neytiri* que diz “Eu Vejo Você”, ela perdoa Jake e reafirma seu vínculo de amor.

O primeiro pedido de Jake como *TorukMakto*, é que ajudem a salvar sua amiga Grace. Os nativos realizam um ritual, no qual estão todos ligados a um mesmo fluxo de energia, todos conectados com *Eywa*, na tentativa de que o corpo de Grace se transferisse definitivamente para o avatar, por ela está fraca, a tentativa de reanimação fracassou. Com sentimento de raiva e de culpa, Jake pede ajuda a *Tsu'tey* para reunir todo o povo em prol de uma rebelião, dizendo que não deixarão “o povo do céu” tomarem o que quiserem e que a terra era deles. Todos os Clãs são mobilizados para batalhar. Jake pede ajuda de *Eywa*, *Neytiri* diz a ele que a Grande Mãe não toma partidos, ela apenas propõe maneiras de equilíbrio a vida.

A batalha final começa. Os militares com armas de fogo e os nativos com seus métodos naturais. Ao decorrer da batalha, começa a chegar todos os animais de Pandora para ajudarem a salvar o planeta, esse fato demonstra que a Grande Mãe *Eywa* havia atendido ao pedido de Jake. Há um combate entre o chefe da segurança e *Neytiri*, que é salva por Jake, a batalha entre o bem e o mal. Ao ver que estava em desvantagem

o coronel vai até o local em que Jake está conectado e o desliga, fazendo-o retornar para o corpo humano. Agora é *Neytiri* que o salva, colocando a máscara e o reanimando. Jake ao acordar diz “Eu Vejo Você”, demonstrando profundo amor em ambos.

A guerra chega ao fim, com a morte do coronel, chefe da segurança, e os humanos são expulsos do planeta Pandora. Depois que tudo terminou, Jake no laboratório, realiza uma fala de despedida, era o dia de seu aniversário e ele havia escolhido viver definitivamente em seu corpo de avatar. Todo o clã, juntamente com a Xamã estão, reunidos novamente, em uma mesma sintonia com *Eywa* para a transmissão de Jake em avatar, ele iria nascer novamente. *Eywa* aceita que o corpo humano de Jake se transmigrasse ao corpo do avatar, e ele definitivamente se torna um deles e, assim o filme se encerra.

Conhecendo um pouco do filme, se torna necessário conhecer também a história da Colonização brasileira, para se tornar possível a compreensão da representação de ambos os assuntos. Na próxima seção falaremos acerca da História da Colonização do Brasil, os caminhos percorridos pelos portugueses em nosso território.

A Colonização

A conquista do território brasileiro iniciou em 1500 com a chegada dos portugueses, no entanto, o processo de colonização intensificou-se a partir de 1530 quando a Coroa Portuguesa começou a exploração da matéria-prima brasileira. É importante lembrar que quando os colonizadores aqui chegaram índios já habitavam a terra, porém possuíam uma cultura diferente dos colonizadores e, por isso, houve então um estranhamento, um choque cultural. Os portugueses possuíam uma tecnologia mais avançada, com isso ficaria fácil o domínio dos indígenas, que ainda viviam de maneira rústica.

Segundo Eduardo Bueno (2006), o princípio da colonização brasileira tinha como objetivo a exploração da nova terra em busca de ouro e outros metais preciosos. Porém, o ouro no Brasil só foi descoberto no fim do século XVII. Com a chegada dos portugueses no ano de 1500, não houve a colonização, pois os portugueses não fixaram nas terras. Nesse período os portugueses apenas exploravam o pau-brasil que tinha certo

valor no mercado europeu por possuir uma cor avermelhada que era utilizada para fazer móveis e tingir tecidos. Nesse aspecto Bueno (2006) completa:

Desde a descoberta oficial do Brasil, em abril de 1500, os portugueses ansiavam por encontrar ouro e prata no vasto território do qual tomaram posse. Mas, até então, os minérios tinham se revelado um sonho intangível. Depois que os espanhóis descobriram prodigiosas quantidades de metal tanto no México (1519) quanto no Peru (1539), e também em Potosi, na Bolívia (1545), encontrar minas no Brasil tornou-se verdadeira obsessão para os portugueses (p; 191).

Os portugueses, então, começaram a planejar a intensificação da colonização do território brasileiro. Queriam encontrar e explorar ouro e outros metais preciosos. Não queriam ficar para trás, vendo o país concorrente, a Espanha, encontrando metais em outros lugares, tinham com objetivo se colocar à frente e com isso houve uma expedição mais organizada.

No ano de 1530 o rei de Portugal organizou uma expedição que visava à colonização propriamente dita. Essa expedição foi comandada por Martin Afonso de Souza com intuito de povoar o território brasileiro, expulsar os invasores e começar o cultivo de cana-de-açúcar. Na chegada aprisionaram três navios franceses carregados de pau-brasil. Como nos diz Abreu (2000) “[...] Apenas alcançou a costa de Pernambuco, em janeiro de 31, começou a faina de guarda-costas; em poucos dias foram tomadas três naus francesas” (p. 60). Martin Afonso funda na região sul do Brasil a primeira vila chamada de São Vicente.

A expedição de Martim Afonso foi considerada a mais cara que Portugal enviaria ao Brasil. Além disso, ele recebeu das mãos de D. João III a concessão de poderes para realizar sua missão de povoar o território brasileiro. Em relação a esse poder recebido e a sua missão Bueno (2006) diz: “Os poderes concentrados nas mãos de Martim Afonso têm levado vários historiadores a afirmar que sua expedição foi enviada com a missão de dar início à efetiva colonização do Brasil.” (p. 31).

Após a chegada de Martim Afonso, cogita-se o início do plantio de açúcar. O açúcar era de grande aceitação na Europa. A região Nordeste do Brasil possuía condições territoriais favoráveis possibilitando um melhor cultivo. Com essa experiência positiva inicia-se o processo de grande escala de plantação da cana-de-

açúcar, visando grandes lucros para Portugal e o início do povoamento em territórios brasileiros.

Porém para acontecer o ciclo do açúcar, Portugal fez um planejamento que necessitaria de uma enorme quantia em dinheiro para montar os engenhos, comprar os escravos, as ferramentas necessárias para o serviço e ainda comprar as mudas de cana-de-açúcar. Como solução do problema, recorreu ao empréstimo dos bancos holandeses, onde negociaram uma parcela dos lucros para eles em troca do financiamento da montagem para início do ciclo açucareiro.

Com a produção e a plantação da cana-de-açúcar, deveria existir uma forma de controle da colônia para que os colonizadores não perdessem o controle e nem a produção. Nesse caso surgiu um pacto, entre a Metrópole e a Colônia, na qual deveria ser seguida, e não poderiam desobedecer. Esse pacto faria com que a Metrópole lucrasse ainda mais.

As colônias deviam fornecer para Metrópole matérias-primas, riquezas naturais, trabalhavam em função das nações colonizadoras. Com isso se destacavam no comércio internacional. Esse Pacto se chamava “Pacto Colonial” e era para manter a relação entre Metrópole e Colônia, na qual a colônia enviavam produtos primários que eram baratos e importavam produtos manufaturados que eram caros. Importante dizer que essa relação de compra e venda da colônia só podiam ser feita com sua nação colonizadora, no caso do Brasil com Portugal. Vale notar que esse pacto ia além da relação entre colônia e metrópole levando também para o campo de atividades econômicas, políticas e militares.

Era necessário expandir o território brasileiro, nesse momento foi muito importante a presença dos bandeirantes. Eles andavam por florestas e também seguindo rios descobrindo e conquistando novos lugares. Estas explorações territoriais eram chamadas de Entradas – quando eram organizadas pelo governo – ou Bandeiras – quando eram financiadas por particulares. Abreu (2000) nos diz que:

Bandeiras eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena. O nome provém talvez do costume tupiniquim, referido por Anchieta, de levantar-se uma bandeira em sinal de guerra. Dirigida a expedição um chefe supremo, com os mais amplos poderes senhor da vida e morte de seus subordinados. Abaixo dele com certa graduação marchavam pessoas que concorriam para as despesas ou davam gente. (p. 128).

Porém Abreu (2000) diz não haver fontes suficientes que contem a história dos bandeirantes. E relata:

Faltam documentos para escrever a história das bandeiras, aliás sempre a mesma: homens munidos de armas de fogo atacam selvagens que se defendem com arco e flecha; à primeira investida morrem muitos dos assaltados e logo desmaia-lhes a coragem; os restantes, amarrados, são conduzidos ao povoado e distribuídos segundo as condições em que se organizou a bandeira. (p. 129).

Como dito, os bandeirantes não saiam em busca de conquistarem territórios e sim de capturar os índios e procurar por metais preciosos e pedras. Porém conseguiram além das capturas a conquista de um vasto território, que ficou sob comando dos portugueses. Os bandeirantes iam além da delimitação do Tratado de Tordesilhas, foram importantes na conquista dos territórios, porém foram violentos enquanto capturavam os índios e os escravos foragidos, contribuindo assim, com o sistema escravocrata existente no Brasil Colônia.

As entradas foram as responsáveis por dizimarem em grande escala as tribos indígenas do Brasil. Mas tinham importância ao partirem em busca de novos territórios, de lugares ainda desconhecidos, na esperança de encontrarem em terras novas, pedras preciosas. Embora os índios fossem reprimidos e mortos, eles também reagiam contra os ataques.

Sendo assim, no Brasil colônia, não houve sempre uma pacificação por parte dos índios. Eles começaram a ver que estavam sendo explorados e mortos em seu próprio território. Os portugueses os dominavam de forma brutal, cobravam impostos para tudo, ou seja, estavam lucrando com os indígenas, que em certo momento resolveram se rebelar.

Cobranças de impostos, a fiscalização da coroa portuguesa e as punições foram fortes motivos para que a população nativa reagisse e se revoltasse contra os portugueses. Sendo assim, nesse período ocorreram várias revoltas da população por diferentes motivos, embora fossem rapidamente reprimidas, essas revoltas ficaram conhecidas no Brasil inteiro se tornando símbolo da resistência brasileira.

Podemos citar a guerra dos Emboabas ocorrido entre 1708 e 1709 em Minas Gerais. Esse conflito ocorreu porque os bandeirantes paulistas desejavam exclusividade na exploração do ouro descoberto no Brasil e ao contrário disso, vieram muitos

portugueses para o local e para exploração do ouro, começaram a se confrontarem uns contra os outros.

Logo em seguida houve a Guerra dos Mascates que ocorreu no período de 1710 e 1711 em Pernambuco envolvendo os senhores de engenho de Olinda e os comerciantes portugueses em Recife. Olinda foi elevada à condição de vila e isso desagradou os comerciantes portugueses de Recife, ocorrendo assim conflito entre eles.

Outra revolta ocorrida em 1720 foi a revolta de Filipe dos Santos. Essa revolta se deu pela insatisfação com a cobrança do quinto e a instalação das casas de fundição. Os donos das minas de ouro em Vila Rica se revoltaram com a situação, a coroa portuguesa condenou Filipe dos Santos a morte e violentamente encerrou a revolta.

Em 1789 ocorreu a Inconfidência Mineira, essa, porém possui um intuito separatista, ou seja, queriam que Minas Gerais ficasse livre de Portugal. Esse movimento foi descoberto antes de acontecer, e reprimido violentamente. Um de seus integrantes, Tiradentes, foi morto e esquartejado em praça pública para servir de exemplo aos demais que se sentissem insatisfeitos com Portugal.

A Conjuração Baiana, que também foi um movimento separatista, ocorreu em 1789. Foi um movimento que aconteceu na Bahia, que pretendiam separar Brasil de Portugal e acabar com a escravidão. Foi mais um movimento que foi severamente punido pela coroa portuguesa. Todos os movimentos citados foram reprimidos pelos portugueses, porém era o início da insatisfação da colônia e a busca pela liberdade, pela independência. Esses movimentos abriram caminhos importantes para enfraquecer Portugal e ocorrer a emancipação política do Brasil.

A partir de então, entende ser possível discutir a representação da Colonização do Brasil a partir do já citado filme *Avatar* e para tal, no próximo item discutir-se-á essa questão. Já que falamos sobre o filme e também sobre a história da colonização, se torna mais fácil a compreensão destes assuntos interligados, dando vida aos fatos históricos, focando principalmente a relação entre os nativos e os colonizadores.

A Representação

Estabeleceremos aqui uma relação entre o filme Avatar e a colonização do Brasil, bem como sua representação a partir de tal obra cinematográfica. Há muitos aspectos em comum acerca do filme, mesmo sendo este uma ficção como já discutido anteriormente, e a colonização, como será abordado a seguir.

Tomaremos aqui o conceito de “representação” a partir de Falcon (2000) que diz que representar é: “Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto”. (p. 91), ou seja, partir-se-á de uma história real que foi a colonização para uma história fictícia que é o filme Avatar. Através das imagens em movimentos discutir-se-á como ocorreu a colonização do Brasil, a chegada dos portugueses, o choque cultural, enfim, “daremos vida” aos fatos.

Em um primeiro momento, tem-se a chegada dos portugueses no Brasil já com intuito de explorar a terra em busca de metais preciosos no ano de 1530, assim ocorre no filme quando os humanos vão para o planeta Pandora para explorar um metal precioso que se chama *Unobtainium*. Os “humanos” e os portugueses se deparam com raças diferentes, que vivem de modo diferente, possuem costumes e culturas opostas às suas. Eles (colonizadores) são superiores tecnologicamente, e não vêem problema em dominar os povos nativos que encontram. Utilizar-se-á o mesmo termo de “colonizador” para os portugueses e para os “humanos” que vão para Pandora, pois, ambos possuem o mesmo objetivo.

Nesse mesmo sentido, tomar-se-á, também, como “nativos” ou “colonizados” os índios que habitavam no Brasil e os Na’Vis, que habitavam Pandora, pois estes sofrem os mesmos preconceitos por parte dos colonizadores, e são fortemente atacados. Não são em momento algum respeitados pelos colonizadores, são vistos como inferiores.

O objetivo por parte dos colonizadores era único: dominar os nativos e explorar os metais preciosos em busca de riquezas. Houve um estranhamento entre os nativos e os colonizadores, um choque cultural, visto que, os primeiros viviam de forma comunitária, todos se ajudam, viviam ainda de forma rústica, necessitava da caça para se alimentar, lutavam com arcos e flechas. Já o segundo possuía uma tecnologia mais avançada, armas do fogo, melhor locomoção, entre outros.

Embora obtivessem um mesmo interesse, os colonizadores, agiram de forma diferente. Na colonização brasileira, os portugueses utilizaram os índios como mão-de-obra, queriam “aculturá-los”, já que viviam de formas distintas, como colocar vestimentas nos índios nus, ensinarem a religião cristã, enfim, novo modo de vida. Os

portugueses os utilizavam para explorar os metais preciosos, como o ouro. Os índios conviveriam nas mesmas terras que os portugueses.

Já no filme, a forma dos colonizadores agirem seriam diferente, pois, queriam a retirada dos Na'Vis do território em que o minério se encontrava, ressaltando que este se localizava no subsolo do planeta Pandora. Os exploradores, neste caso, não tinha o intuito de conviverem com os nativos, e nem de que eles os ajudassem na exploração.

O que os colonizadores não entendiam e não respeitavam, era a forma de vida dos nativos, sua cultura, seus costumes. Os índios viviam sem vestimentas, com crenças diferentes dos colonizadores, e assim também eram os Na'Vis que acreditam em uma deusa chamada *Eywa*, que estava presente em todo o planeta, nas árvores, nos animais, a consideravam como a Grande Mãe, e por isso se negavam a saírem do território, pois havia uma divindade que vivia ali, no meio deles.

Em relação as formas de exploração, percebe-se que no filme há uma tentativa de exploração pacífica, por meio dos cientistas que estão no planeta com o objetivo de retirarem os nativos do local que se encontra a Grande Árvore onde está concentrada uma grande parte do minério a ser explorado. Se conseguissem essa saída, não haveria confrontos e nem mortes, porém os nativos negaram, por considerarem o local sagrado, lutariam pelo seu lar. A respeito dos cientistas Felinto (2010) ressalta que “a bem da verdade, em *Avatar*, os cientistas são bonzinhos e ecologicamente corretos, mas não fazem nada de útil. São encarados com a mesma desconfiança pelos militares e pelos Na'vi”. (p. 18).

Na colonização brasileira também haviam os que eram contra as mortes dos indígenas, entre eles os padres Jesuítas, que desejavam catequizar os nativos, ou seja, dar ensinamentos religiosos, e não desejavam sua morte. Porém reuniam inúmeros índios no mesmo local, para ensiná-los, e com isso facilitava maiores números de mortes, pelo fato de que quando eram encontrados por aqueles que desejavam dizimá-los, por estarem aglomerados não tinham como fugir.

Em trechos do filme notamos como os nativos eram vistos pelos colonizadores, que seriam como os índios que eram considerados povos selvagens, ruins e sem cultura, e da mesma forma como eram vistos os colonizadores pelos índios. No filme através da fala do Coronel *Miles Quaritch*, líder do exército, pode-se notar como eles eram vistos:

Coronel Miles Quaritch: [...] Lá fora, além daquela cerca, tudo que se arrasta, voa ou pousa na lama quer matar vocês e comer seus olhos como aperitivo. Existe uma população nativa de humanoides chamada Na'vi. Usam flechas com uma neurotoxina que para seu coração num minuto. E têm ossos reforçados por fibra natural de carbono. São muito difíceis de matar.

Na fala, “são muito difíceis de matar”, do Coronel Miles Quaritch, citada anteriormente, nota-se o intuito dos exploradores de acabar com os Na'Vis, pois acreditavam que eram pessoas sem ordem e sem cultura e deveriam obediência e se não obedecessem morreriam. Assim, também, era com os índios, havia por parte dos portugueses, o “desejo” de matá-los. Notamos, os nativos sendo vistos como “coisas”, sem valor, da mesma forma que os índios eram vistos pelos portugueses, lembrando que não se deve generalizar, pois haviam, como dito, os que não desejavam a morte dos nativos.

Na colonização, houve o chamado Pacto Colonial, que seria a relação entre Metrópole e Colônia, em relação aos produtos manufaturados, na qual a Colônia devia enviar matéria-prima para Metrópole, enviavam produtos baratos e importavam produtos que eram mais caros. Pode-se notar no filme uma tentativa de construir um pacto, no qual os cientistas têm o papel de melhorar a relação com os nativos, tentando fazer com que eles cooperassem e saíssem de seu território para que o exército explorasse o local, porém não houve esse acordo devido a antecipação da invasão do exército com armas de fogo. Os personagens Grace e Parker no filme, falam sobre a tentativa do pacto:

Grace: [...] A última coisa que preciso é outro imbecil que gosta de atirar!
Parker: Deveria conquistar os corações e as mentes dos nativos. Seus fantoches não são para isso? Parecem com eles, falam com eles e logo confiarão em nós. Construímos uma escola. Eles aprendem inglês. Mas depois de tantos anos, as relações só pioraram. Grace: É o que acontece quando eles são alvo de metralhadoras.

Embora o pacto entre os cientistas e os Na'vis demonstrado no filme e o da colonização brasileira não tenha o mesmo objetivo, notamos que tem o mesmo empenho, ou seja, os colonizadores portugueses não queriam perder o controle da

colônia e com isso criavam medidas que a mantivesse sob seu controle, no caso o pacto se restringia apenas com sua nação colonizadora. E no filme os exploradores queriam fazer o pacto com os nativos com o intuito dos mesmos deixarem o território onde encontra o metal precioso, o qual queria explorar. Se os nativos não concordassem com a retirada do local desejado, correriam o risco de morte.

Notamos ainda, o desejo de expandir os territórios “conquistados”. Já que os conquistadores tinham o domínio das terras, queriam expandi-las em busca de maiores riquezas, mais explorações. Vale ressaltar, nesse momento, a semelhança dos bandeirantes aos integrantes do filme *Avatar*, devemos perceber o bandeirante, de acordo com Abreu (2000), como conquistador, apesar de não ser o seu objetivo, os bandeirantes invadiram territórios alheios, expulsaram, e destruíram culturas e pessoas. E assim, ocorre no filme, pois as pessoas vão para o planeta Pandora o destrói, invade, expulsa e conquista. Sendo assim Felinto (2010) enfatiza:

Quando o filme se inicia, já faz alguns anos que o planeta Pandora fora descoberto e se travaram os primeiros contatos entre os humanos e Na'vi. Uma vasta expedição militar-científica tem como objetivo desalojar os indígenas de seu local de moradia, dado que este repousa sobre uma gigantesca jazida de um minério valiosíssimo. (p. 17).

Se tratando dos portugueses, além da expansão dos territórios, mataram muitos indígenas, destruíram tribos inteiras no território brasileiro. Porém, eles não aceitavam ser oprimidos quietos e alguns motivos os levaram a rebelar-se. Cobranças de impostos, a fiscalização da coroa portuguesa e as punições foram motivos para que a população reagisse e se revoltasse contra os portugueses. Sendo assim, os índios cansados de serem maltratados, começam a realizar alguns movimentos de rebeliões, mesmo que não fossem organizados, e facilmente reprimidos, esses movimentos ficou conhecido na história do Brasil Colonial.

Importante dizer, que as revoltas não ocorriam apenas entre os índios contra os colonizadores, mas também entre os próprios colonizadores, como na Guerra dos Emboabas, Nessa revolta nota-se o conflito entre os bandeirantes e os portugueses, que estariam do mesmo lado, e se desentendem. No filme também percebe-se confrontos entre povos que lutam por um mesmo objetivo, como na cena em que o general atira na Drª. Grace, a piloto de helicóptero que em meio à guerra para de atirar

contra os Na'Vis e passa para o lado deles, e principalmente o herói da história *JakeSully* confrontar contra o exército que estão no planeta em busca de riquezas. Jake no início do filme entra na sociedade dos nativos como espião, é um traidor que conhece o local para os militares atacarem com melhor exatidão, porém se arrepende e se volta contra o exército.

Os nativos, tanto na colonização quanto no filme, mesmo possuindo armas inferiores ao dos colonizadores, se dedicam ao máximo aos confrontos, pois desejam defender seu lugar e sua cultura. Há um desejo de acabar com quem não os respeitaram, destruíram seus lares, modificaram seus modos de vida, um desejo incessante de ter liberdade, de viverem com suas crenças e seus povos de maneira harmoniosa. Na colonização houveram vários conflitos entre os nativos e os portugueses, o filme traz apenas um, mas que representa bem como se desenrolava esses combates.

Após o início do conflito, entre o exército e os Na'Vis, na ficção, Jake é descoberto como traidor, e necessita ser visto novamente como parte do grupo. Para isso Jake procura e domina um pássaro gigante de cor avermelhada com algumas listras de amarelo e azul, que se chama *Leonopteryx*. Este pássaro faz parte da cultura dos povos Na'Vis que o respeita religiosamente, a pessoa que consegue dominá-lo deve ser respeitado por todos os outros, e torna-se o *TorukMakto* – pessoa com mais alto poder. O povo de Pandora se ajoelha perante a ele, que diz:

JakeSully –Tsu'tey, filho de Ateyo, estou diante de você, pronto para servir o povo, Omaticaya. Você é Olo'eyktan e é um grande guerreiro. Não conseguirei sem sua ajuda.

Tsu'tey –TorukMacto, voarei com você. [...]

JakeSully – O Povo de Céu nos mandou uma mensagem, que podem tomar o que eles quiserem e ninguém pode impedi-los. Mas nós mandaremos uma mensagem a eles. Voem o mais rápido que o vento permitir. E peçam para os outros clãs que venham. Diga que Toruk Macto os chama. Voem agora, comigo! Meus irmãos! Irmãs! E mostraremos ao Povo de Céu que não podem tomar o que quiserem, e que esta é a nossa terra.

Este trecho do filme demonstra como os nativos lutariam até o fim para acabar com os colonizadores. Assim, também, foi com os índios, embora não obtivesse o mesmo resultado do filme, os índios não desistiam de acabar com os colonizadores. Por possuírem armas potencialmente inferiores às dos colonizadores, sempre eram derrotados nas lutas.

Existem diferenças entre o filme e a colonização brasileira, sendo que, uma delas é o fato dos Na'vis possuírem animais voadores e terrestres que os ajudaram no confronto e, no fim do filme, eles conseguem matar o coronel *Miles Quaritch*, e mandar o exército de volta para terra, ficaram em Pandora somente quem os Na'vis aceitaram. Os nativos poderão voltar a levar a vida de antes, porém com um território destruído. Apesar de possuírem armas menos potentes eles saem vitoriosos. Nesse momento, pode-se dizer que seria a “independência” dos Na'Vis, visto que eles se libertam dos povos da terra.

E no caso da colonização brasileira, houve tribos indígenas completamente destruídas e dizimadas, ou seja, não tiveram o mesmo sucesso que os Na'Vis, em relação aos conflitos. O Brasil também consegue sua emancipação política, sua liberdade. A Independência do Brasil marca o fim do domínio dos portugueses e ainda sua autonomia política. Em relação ao filme, também as histórias se aproximam, na qual morrem vários nativos, que se entregam para lutarem e serem livres, e que no fim ambos conseguem essa libertação de seus dominadores.

Porém vale ressaltar que os nativos do filme conseguem sua liberdade total, enquanto que mesmo o país se tornando emancipado em 1822 os índios não se tornam livres, eles continuam tendo sua cultura “apropriada”, sofrendo interferências dos colonizadores, iam sendo expulsos para regiões cada vez menores, enfim, os índios não se livram dos portugueses como os Na'Vis do exército, do “povo da Terra”.

Sendo assim, podemos notar como a colonização do Brasil pode ser representada pelo filme Avatar, a semelhança dos objetivos dos colonizadores, o desrespeito aos nativos, o choque cultural, entre outros. O filme dá movimentos à história da colonização brasileira, a partir dele pode-se fazer uma representação como a cotização do Brasil, recontando fatos ocorridos com os índios, os conflitos existentes entre os nativos e os colonizadores, percorre o caminho da colonização à emancipação, trazendo assim, um novo modo de compreender História do Brasil.

Referências

ABREU, Capistrano de. Capítulos de história colonial, 1500-1800. 7º ed. rev. São Paulo: Publifolha, 2000.

BUENO, Eduardo. A coroa, a cruz e a espada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BUENO, Eduardo. Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores. 2º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e Representação. Vol. 21. Portugal: Coimbra, 2000.

FELINTO, Erick; BENTES, Ivana. Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais. Porto Alegre: Sulina, 2010.